

Casa da Cultura António Bentes

S. Brás de Alportel

Biblioteca

Livro n.º 344

Cota n.º 2-4
~~3-3~~



**Breve Estudo sobre a Serra
Leste do Algarve
(1906)**

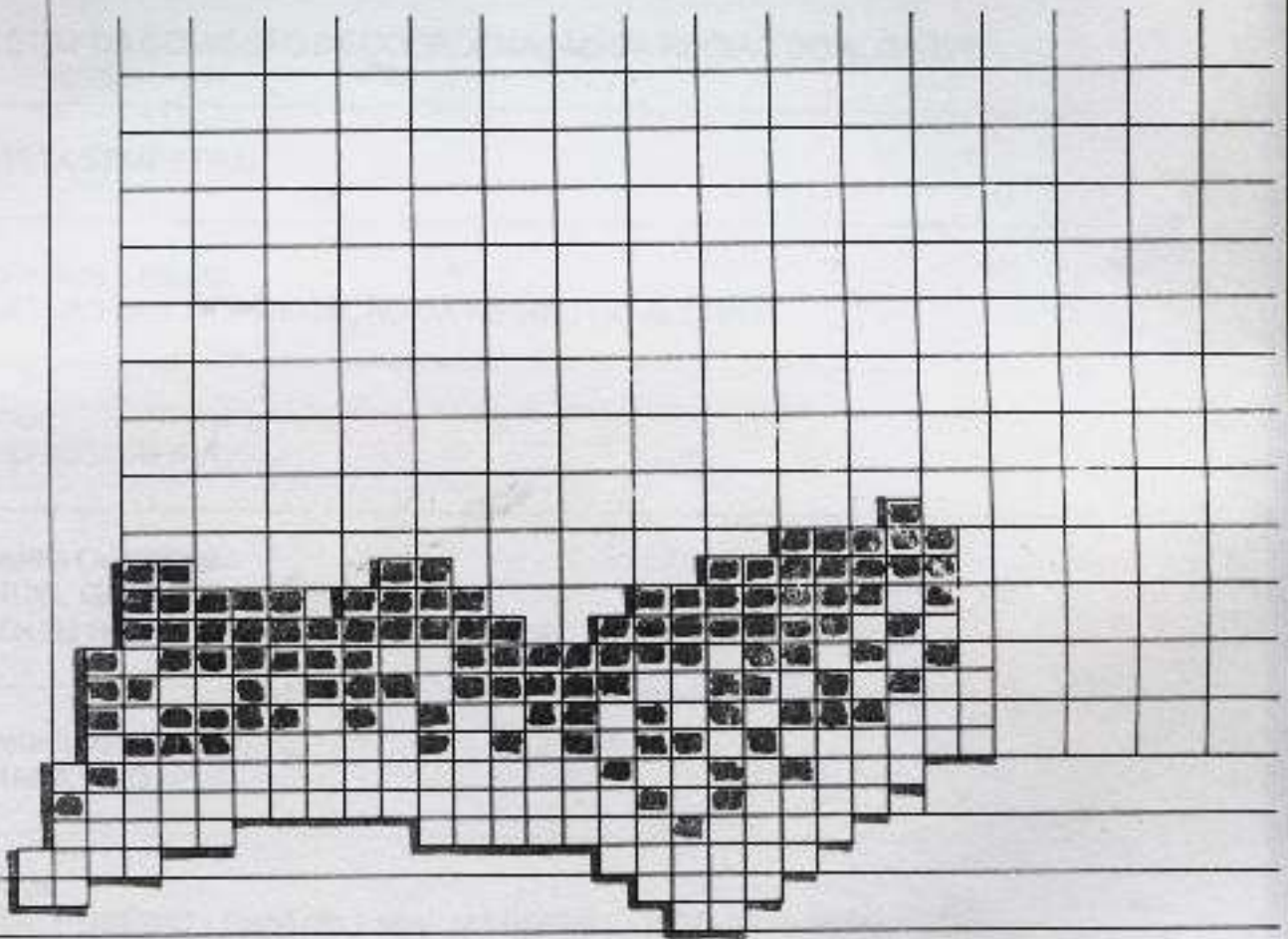
~~3-3~~
4-1

Excerto

da revista ALGARB Estudos Regionais
nº 5-6 de 1987

ALGHARB

ESTUDOS REGIONAIS



BOLETIM DA COMISSÃO DE COORDENAÇÃO
DA REGIÃO DO ALGARVE

Ano de 1987

5-6

ALGHARB

ESTUDOS REGIONAIS

BOLETIM DA COMISSÃO DE COORDENAÇÃO DA REGIÃO DO ALGARVE

REVISTA SEMESTRAL

Propriedade e edição:
COMISSÃO DE COORDENAÇÃO DA REGIÃO DO ALGARVE

Director:
DAVID ASSOREIRA

Conselho Orientador:
MANUEL GOMES GUERREIRO
JOAQUIM ROMERO MAGALHÃES - MANUEL VIEGAS GUERREIRO

Secretariado Executivo:
LUCIANA RIJO

Capa de:
JORGE EUSÉBIO - Depósito Legal: N.º 9609/85 - ISSN 0870-2675

Composição:
VIPRENSA, LDA. - 8900 Vila Real de Santo António

Impressão:
TIPOGRAFIA NUNES, LDA. - Porto

O Nordeste Algarvio

João P. Guerreiro *

O Nordeste algarvio constitui uma região fracamente desenvolvida e marcada, nos últimos trinta anos, por um profundo êxodo rural. Uma das suas freguesias, Peireiro, no concelho de Alcoutim, mantinha em 1981 apenas 38% do seu máximo demográfico, registado no início dos anos 50. As restantes freguesias que compõem esta região não se afastam muito desta situação de profundo retrocesso demográfico. Cerca de 70% da população activa dedica-se à agricultura e mais de 50% do total da população tem idade superior a 50 anos.

As condições naturais desta região tornam difícil a procura de soluções integradas que possibilitem a criação de melhores condições de vida para travarem o êxodo que se verifica ou, inclusivamente, para promoverem a fixação de novas gerações. Com uma morfologia acidentada e precipitações médias anuais reduzidas e estacionalmente concentradas, as soluções geralmente preconizadas apontam para a diversificação sazonal de actividades e para um aproveitamento múltiplo dos sistemas agro-silvo-pastoris-predominantes.

A caracterização agro-ecológica desta região é esboçada no texto que se publica e que foi dado à estampa pela primeira vez em 1906. Constitui o relatório final da licenciatura em Agronomia de Filipe Félix da Silva, personagem oriunda de famílias algarvias com raízes em Cachopo (Tavira).

A importância do texto ressalta da análise que o autor faz desta região desfavorecida e das soluções que discute, confrontando a cultura cerealífera com o aproveitamento florestal. A caracterização orográfica sugere-lhe três distintas áreas: os terrenos de planaltos ou achadas, os terrenos de encosta e os vales e margens de ribeiras. Em relação a cada uma destas unidades desenvolve algumas reflexões, sublinhando o desajuste existente entre a aptidão do meio e aquilo que o homem se vê forçado, a todo o custo, a daí retirar. As causas determinantes desta situação são sintetizadas em quatro questões: ignorância da população rural, falta de iniciativa, falta de instituições de crédito agrícola locais e, finalmente, deficiente rede viária.

A sua conclusão sobre a primazia que se deve conceder à "arborização florestal" poderá contribuir para a reflexão actual sobre a necessidade de desenvolver e aproveitar, nas regiões típicas da floresta mediterrânea, os sistemas produtivos de fins múltiplos, baseados conjuntamente na agricultura, silvicultura e, sobretudo, na pecuária.

* Universidade do Algarve

Breve estudo sobre a Serra Leste do Algarve

Felippe Felix e Silva

I

Ao transpormos a faixa do littoral algarvio, onde disfructâmos uma fresca e vicijante paizagem, de pomares, alfarrobeiras e amendoeiras, orlando as estradas, debruçando-se por sobre os muros das quintas e das hortas, ou irrompendo d'um conjuncto diverso, desvanecendo com a sua copa florida a monotonia dos olivedos e figueiraes, ora dispostos em renques extensos, ora matizando o verde uniforme dos campos, penetrâmos n'uma região, que contrasta bruscamente, com a que deixamos de aspecto ridente e mimoso.

Do verde-escuro da esteva, atapetando os alcantilados serros, d'uma uniformidade fatigante, surge raramente em pequenas manchas, n'uma tonalidade diversa, mas tambem triste e carregada, o sobreiro e a azinheira, como que abrigando da rudeza alpestre um povoado, um monte.

Proximo d'estes montes, em valles mais ou menos estreitos, depara-se-nos uma vegetação abundante e viçosa, dando a nota alegre e aprazivel da horta. Ahi vemos alguns pés de videira, em ramada, ou em enforcado, cobrindo uma porção de terreno de encosta, que não poude ser aproveitado para as culturas horticolas, ou enroscando-se pelo fuste d'uma arvore.

As arvores de fructo, entre as quaes mencionaremos as figueiras, os pecegueiros, as amendoeiras, as ameixoeiras, as pereiras e notavelmente as oliveiras (mançanilha gallega e bical) encontram-se dispersas, com irregularidade e sem nenhum cuidado cultural em alguns valles e baixas mais ou menos extensas e ricas.

Estes terrenos, onde não falta a agua, humidade e abrigo, sendo os mais propicios para horta, são bastante trabalhados.

N'elles se semeia em occasião propria, milho de regadio, batata redonda, feijão, batata doce, tomates, couves, melões, melancias, etc.

Estas terras, depois de produzirem o trigo, grão de bico, tremoço ou chicharo, são parcamente adubadas com estrume de curral mal curtido, e actualmente algumas d'ellas com adubos chimicos; em seguida são amanhadas para as culturas regadas.

Toda a região leste da serra do Algarve é de terreno primario, pertencente ao

grupo carbonifero-inferior constituida principalmente por schistos de mais ou menos facil desagregação, dando em geral um solo aspero, rijo e frio, de resultados pouco compensadores para a cultura cerealifera.

A parte da serra de que nos vamos occupar é limitada ao Norte pela ribeira do Vascão; a oeste pela estrada real n.º 17, que sahe de Faro, passando por S. Braz d'Alportel e Ameixial, ligando o Algarve com o Alemtejo; ao sul por uma estreita faixa de infralias do grupo mezozoico, que nitidamente separa os terrenos da serie primaria dos da serie secundaria e terciaria, que se estende no sentido de este a oeste; é bem visivel na carta geologica na côr lilaz; e a leste pelo rio Guadiana.

N'esta região assim delimitada, o systema orographico varia e com elle a aptidão agricola.

O relevo do terreno não apresenta cotas elevadas, pouco passando no ponto culminante de 540m proximo do monte da Feiteira, freguezia de Cachopo.

Pertence a esta freguezia a parte mais accidentada da serra leste.

Passando a ribeira da Foupana para o norte, observa-se já uma orographia diversa, entre Martinlongo e Giões, d'uma ondulação suave, onde a cultura cerealifera é mais intensa e productiva e as terras de mais facil manipulação. Para leste, entre Alcoutim e Azinhal, as encostas têm grande pendor, principalmente as que dominam as ribeiras.

Atravessam esta região de schisto paleozoico as ribeiras, afluentes do Guadiana, Vascão, Odeleite, Foupana e outras de menor importancia, que no inverno são caudalosas, produzindo perigosas torrentes, e no verão a agua quasi deixa de correr, passando-se em muitos pontos a pé enxuto.

Da cumiada das montanhas descobrem-se valles profundos mais ou menos estreitos, que recebem as aguas das chuvas, que se despenham das encostas, de declive abrupto, desnudadas, ou só cobertas de matto. A agua das chuvas agglomerando-se nas depressões de uma encosta, precepita-se por fim produzindo os seus efeitos physicos arrastando a terra e fragmentos de rocha, que seguem o leito da ribeira geralmente inclinado, corroendo tambem as suas margens, reduzindo-as, porque soffrem não só o embate da agua, como a de todas as particulas terrosas, que traz em suspensão.

As cheias se muitas vezes beneficiam as margens com os seus depositos fertilisantes, tambem prejudicam as culturas, que n'ellas se encontram, e podem levar toda a terra aravel, fazendo-a agglomerar n'um ponto inaccessible, ou esterelizando-a com depositos mais grosseiros, o que geralmente succede, quando o declive do leito é maior e portanto o curso d'agua mais violento.

Sobre a meteorologia e climatologia da serra não possuímos dados alguns pois que, os dois unicos observatorios, o de Lagos e de Faro, ambos na faixa littoral, apenas accusam os resultados das observações feitas n'essa região.

No entanto sabemos, por observações directas, que os ventos dominantes são os do Norte e Sul, e que as temperaturas e as chuvas são muito irregulares relativamente ao littoral, estando averiguado que é principalmente nos mezes de Novembro Dezembro e Janeiro, que as terras recebem maior abundancia de aguas pluviaes, sendo os demais mezes do anno quasi de estiagem. Aqui tambem se observam temperaturas extremas, por vezes frios rigorosos na estação de inverno e na do verão excessivo calor. A disposição das serras sobre o mar, em amphitheatro, abrigando o littoral dos ventos do Norte, influe decerto n'estas irregularidades; todavia não podemos

tirar conclusões positivas, por falta de elementos de observação científica.

Da orographia da serra combinada com o seu systema hydrographico resultam tres especies de terrenos agricolas, que vamos apontar:

- a) terrenos de planltos ou achadas;
- b) terrenos de encosta;
- c) terrenos dos valles e margens de ribeiras.

Os terrenos de achadas, como os que se nos deparem entre Martinlongo e Giões, proveem de schisto argilloso e grauwackes de facil desagregação, em geral puco permeaveis e fundos, rijos, frios e pobres, achando-se na sua maior extensão cobertos de searas; é comtudo onde a cultura serealifera é mais intensa e productiva. de toda esta parte da serra.

Os processos de cultura são os mais rudimentares e primitivos, e os mesmos em toda a serra do Algarve.

É ainda o regimen permanente da rotina fora da influencia benefica da arte, e da sciencia da agricultura.

Semeia-se o trigo nas terras mais fundas e de relativa fertilidade, o centeio, a cevada e aveia nas fracas e delgadas; conforme o *poder* das terras assim as deixam de pousio durante 2 a 5 annos.

Nas de pousio mais duradouro roçam o matto, que n'ellas se cria, e dipõem-no pelo terreno em linhas parallelas, operação esta que se executa nos começos do outomno, e só para o verão lhes lançam fogo – queimadas.

No outomno seguinte, depois das primeiras aguas, lavram a terra para a metereorizar e misturar as cinzas; passados quinze dias ou tres semanas começam por *embelgar* o terreno, dando por fim um último ferro, depois de lançada a semente para a cobrir. *Embelgar* consiste em fazer uns sulcos ao longo do terreno dividindo-o em faxas, cuja largura depende da quantidade de semente, que se lhe deve deitar, da qualidade da terra e da sua inclinação. Assim n'uma encosta variam as larguras entre 2 a 3 metros sendo as da base mais larga, que as do cimo, onde a terra é mais delgada e *frouxa*, comportando menos semente. Nas abas dos serros e planuras, de terra mais grossa e forte, a largura é fixa na folha, que se semeia, proxivamente de 3m a 3,50.

As *embelgas* teem por fim assegurar uma distribuição regular da semente.

A direcção dos regos e sulcos divisorios, não nos parece obedecer a um criterio racional, porque a disposição, que se observa n'uma encosta, é a mesma dos valles, quer tenham ou não algum pendor.

São sempre parallelos e nas encostas no sentido perpendicular ao declive, e o motivo que mais preoccupa o lavrador, não é o escoamento das aguas, nem o receio de que as enxurradas arrastem a flôr da terra, mas sim pela maior facilidade de tracção, e isto, na verdade, é motivo de sobra pelos animaes e aparelhos, que empregam.

É rarissimo ver-se nos valles uma disposição tal, que permita o escoamento das aguas com facilidade, fazendo convergir os regos para um sulco, que ligue os pontos de cotas differentes, isto é, que ligue os pontos mais baixos, evitando assim o es-

tagnamento das aguas, que tão prejudicial é em terras baixas já de si bastante humidas.

Nas terras altas semeia-se no 1.^o anno trigo e no 2.^o ou 3.^o centeio, cevada ou aveia, depois de levarem dois ferros com duas ou tres semanas de intervallo.

Nos terrenos de pousio menos duradouros, dois a tres annos, semeia-se o trigo quasi sempre, levando tambem dois ferros, como nos outros. Os cuidados culturaes limitam-se a uma monda na primavera.

Estas terras são geralmente pobres, sobretudo em acido phosphorico e azote; tem cal em pequena quantidade.

Algumas terras mais fortes, argilosas e grossas são actualmente adubadas com superphosphatos n'esta parte das *achadas*, a que nos vamos referindo.

De passagem diremos, que a applicação d'estes adubos chimicos, sahindo fora da habitual rotina, menos obedece a ensinamentos culturaes theoreticos, do que ao estimulo imitativo, que naturalmente vem do exemplo animador dado pela região alemtejana confinante, onde as provas dos resultados de tal arte se impõe, que, segui-o, é hoje preocupação constante, tanto do grande, como do pequeno lavrador. As mais fracas e delgadas adubam-nas em geral com as cinzas do matto roçado; alguns proprietarios adubam-n'as tambem com superphosphato, mas em menor quantidade, porque sendo a terra pobre, sobretudo em cal, para neutralisar a acidez do adubo, pode simplesmente comportar uma quantidade tal, desde que se ministre á terra em occasião de sementeira ou muito proximo, que a energia chimica do solo se possa effectuar de modo a poder digerir e solubilisar os elementos, de que a planta carece, e que lhe foi fornecida em forma de adubo.

Se lhe deitassem maior quantidade, resultaria não só um desperdicio, como um prejuizo para as plantas, cujas raizes seriam atacadas pelos acidos do adubo, não neutralisados.

Nas lavouras emprega-se o classico arado de azinho, tirado por junta de bois, parelhas de muares, vendo-se com muita frequencia a tracção exercida por animaes de especies differentes, como bezerro e um burro.

Nas encostas, conforme a qualidade das terras, os pousios são mais ou menos duradouros. Estas terras são em geral muito fracas ou rijas e delgadas, como as que revestem as serras da freguezia de Cachopo, Vaqueiros, Ameixial, Santa Catharina e Santa Maria de Tavira, onde a duração do pousio varia de 8, 10 a 15 annos, no fim dos quais se roça e queima o matto, e depois de dois ferros semeia-se o centeio na maior parte, tornando em seguida ao periodo de repouso. Mas entre Alcoutim e Azinhal os terrenos sendo menos pobres e de melhor qualidade, a duração do pousio raro vae além de 5 annos, estando 2 a 3 annos em cultura.

Os processos culturaes são os mesmos em toda a região, como dissemos.

Todos estes terrenos são quasi na totalidade desprovidos de arborisação; apenas proximo dos povoados, nas abas das encostas, nos valles e margens de ribeiras é que se vê um ou outro maçisso de excellentes sobreiros e azinheiras e ainda algumas outras essencias.

Existem bellos montados de sobro, mas de pequena extensão na freguezia de Cachopo em volta d'esta aldeia nos montes da Feiteira, Corte João-Velho, Fonte de Corcho, Val-do-João Farto, herdades de Stragamantens, Alcornicosa, Alcaria-Alta, do Seixo, e a herdade chamada do *Concelho*, pertencente á freguezia de Salir, concelho de Loulé, notavel pela sua grande area, povoamento e densidade de arvoredos

como é fácil verificar nos montes chamados Montes Novos, Barranco-do-Velho, Cortelha e outros.

Para o norte e leste da freguezia de Cachopo, já em terras do concelho de Alcoutim, desaparece quasi por completo o sobreiro e predomina a azinheira, constituindo pequenos montados, em volta dos povoados ou montes, como que significando a coexistência de casaes com esses pequenos nucleos de arborisação, tão indispensaveis á vida agricola e economica dos seus habitantes, aos quais sem duvida mereceram especiaes cuidados de conservação, que nos podem dar vagas indicações da origem e antiguidades d'esses povoados.

Em todo este concelho e seguindo a margem direita do rio Guadiana até á freguezia de Odeleite veem-se dispersas pelas encostas e valles as amendoeiras, que vegetam bem, e fructificam, porque estão abrigadas dos ventos fortes do norte, e o clima é mais temperado, o que não succede para oeste d'este concelho, em que são frequentes as geadas e os frios, aquellas queimando a flôr e estas determinando a stase da seiva. O pinheiro bravo (*Pinus maritima*) encontra-se misturado com a sobreira (*Quercus suber*) formando um macisso muito perto da aldeia de Cachopo, occupando os serros denominados da Fonte Ferrea e da Barra, onde existem tambem pequenas manchas de pinheiro manso (*Pinus pineo*), e alguns exemplares de pinheiro de Alepo (*Pinus halepensis*), de pinheiro silvestre (*Pinus sylvestris*), de *Pinus insignis* e de *Cupressus*, etc.

O pinheiro encontra n'este meio excellentes condições de vida, como bem atesta o macisso existente na freguezia de Cachopo proximo a esta aldeia, occupando os serros denominados da Fonte Ferrea.

Esta essencia apresenta-se bem copada, desenvolvida, attingindo por vezes entre os mais antigos, uma altura de 20 a 25 metros, n'um periodo de crescimento de 29 annos, e lançamentos annuaes de 1 metro a 1 m e 20.

São muitas as vantagens do revestimento das encostas pelo pinhal, não só pelo lado economico, como pela influencia que exerce sobre o clima, suavizando os excessos de temperatura; sobre o regimen das aguas regularizando-o; sobre o terreno fixando-o e enriquecendo-o com a *manta*, que o cobre, e fertilizando os terrenos proximos, que podem ser agricultados com mais proveito; sobre as chuvas uniformizando mais a sua distribuição, pelo poder condensador de humidade que teem as florestas de essencias resinosas.

O matto que predomina n'esta serra é a esteva, genero *cistus*, formando um extenso manto. Apparece a urze, genero *Erica* e *Calluna*, o tojo (genero *Ulex*) em moitas apertadas e bastas, o saragoço ou sargaça (*Cistus hamalifolius*, L.), o estevão (*Cistus populifolius*, Brot), o lentisco (*Pistacia lentiscus*, L), o rasmono ou rosmaninho (*Lavandula viridis*, Ait) o trovisco (*Daphne Gigidium*, L), medronheiro (*Arbutus Unedo*, L.), o alecrim (*rosmarinus officinalis*), a murta (*Mytus communis*, L).

A flora atesta pois, a pobreza d'estes terrenos, sobretudo em cal.

A alfarrobeira encontra-se principalmente nas vertentes dos barrancos e das ribeiras e raro nas encostas.

As terras baixas – valles e margens dos ribeiros e barrancos – é que produzem os mais valiosos meios de subsistencia para os habitantes da serra.

Diversas circunstancias concorrem para a fertilidade d'estes solos:

a) ou são terras d'alluvião trazidas pelas aguas da chuvas, como succede nas maiores depressões de terrenos;

b) ou a rocha que originou o solo é mais desagregavel e as acções physicas e chimicas operam-se com maior energia e facilidade;

c) ou, se trata das margens de ribeiros, onde as cheias depositaram os materiaes, que traziam em suspensão, etc.

A acção do homem, impellido pela necessidade, muito tem concorrido para a mobilisação d'estas terras com os successivos trabalhos de cultivo.

Quasi todas se veem aproveitadas com culturas de sequeiro, ou de regadio.

Estes terrenos em geral estão sempre em cultura.

Tendo pouca ou nenhuma humidade, são semeiados de gramineas como o trigo, cevada, ou de leguminosas como o tremçoço, chicharo ou grão, alternando, mas nem sempre, porque o lavrador não attende somente ás necessidades da terra, pondera tambem as suas conveniencias.

Sendo frescas e fundas produzem batatas, favas, e trigo.

Os solos humidos e soltos appropriam-nos sobretudo á cultura do linho.

Os que são abundantes em agua aproveitam-nos para culturas regadas.

O linho, embora o seu cultivo não occupe grande numero de hectares, é, contudo, uma industria lucrativa, de que os habitantes se servem para seu uso. A sua exploração comprehende tres operações: cultura, fiação e tecelagem. A primeira é exercida pelo homem e as duas ultimas pela mulher.

Cultiva-se o linho de duas especies: de capsula indeshiscente, *Linum usitatissimum*, e de capsula dehiscente *linum crepitans*; chamam *cerrado* ou *serrano* ao primeiro, *abertiço*, ao segundo; ambos são de flôr azul. Este ultimo dá uma filaça fina, mais baixa, e muitas sementes.

A sementeira faz-se a lanço, d'uma só vez, levando cada are cerca de 10 a 12 litros de semente.

Em geral não attinge grande altura, nem grande robustez de vegetação, senão muito excepcionalmente quando o tempo corre á feição da sementeira. É de costume proceder-se á monda, quando o terreno se inça de plantas extranhas, que prejudicam o seu desenvolvimento.

Quando a planta toma a coloração amarella, é arrancada, reduz-se a molhos, agrupando-os e depondo-os, em posição vertical á acção do sol, aguardando a completa maturação das sementes, e conforme o linho é de capsula ou *baganho cerrado* ou *abertiço* assim é batido a maço ou saccudido, para soltar as sementes.

É depois *alagado*, durante um periodo de 10 a 15 dias, e em seguida exposto á acção do sol para seccar. Quando secco, é levado a um aparelho chamado *grama*, alfaia feita de azinho, que serve para triturar e desembaraçar a filaça ou fibra do parenchyma, mas porque ainda ficam depois d'esta operação alguns fragmentos, *tasquinha-se* com o *tasquinho*, especie de faca de madeira, com o qual saccodem o linho, limpando-o.

É depois vendido ás *pedras*, para passar por outros aparelhos, onde continuam a modificar-se, como o *sedeiro*, que separa o linho fino do grosseiro ou estopa, em seguida fiado n'uma roca e depois doba-se n'um sarilho e por ultimo n'uma doba-doura, ficando prompto para ser trabalhado no tear.

Pela fertilidade do seu solo e excellencia dos seus productos, citaremos as margens da ribeira de Odeleite, proximo á aldeia d'este nome, os valles de Cachopo, a baixa de Alcoutim, e um ou outro trecho de margens das mencionadas ribeiras a poucos passos d'uma aldeia ou monte.

N'estas terras, que estão todo o anno em permanente cultura, encontram-se algumas essencias florestaes, além das já citadas, como a alfarrobeira (*Geratonia siliqua L.*); diversas especies de *Populus* como o choupo e o alemo; de genero *salix* como o vimieiro e o salgueiro; o amieiro (*Alnus glutinose, Gartn.*), o eucalypto) *Eucalyptus globulus, Labil*), etc.

É assim, que vamos encontrar o estado agricola d'esta região, desprovida de ensinamento, de instrucção, ignorando os melhores processos de cultivo de terra, e perdendo por isso largo cabedal de riqueza, que só uma exploração bem orientada poderia prodigalizar aos cultivadores da serra, recompensando mais generosamente todos os seus esforços.

II

Da inspecção geral sobre a vasta região da serra algarvia resulta uma impressão desoladora, uma impressão de pobreza, ante o largo estendal, quasi inculto, porque apenas nos valles e nas raras planuras se defronta o observador com um trecho de cultura, e em torno dos povoados com manchas de arborisação, que a natureza espontaneamente fez brotar, e com umas folhas de serviço, dispersas pelas encostas dos montes, arrancados á força de trabalho aos mattos espessos para umas sementeiras de centeio, cevada ou aveia e raro de trigo, que não remuneraram os esforços do lavrador, tanto na actividade que tem de empregar, como de capital que tem de consumir, o que se chama conquistar um bocado de pão lavado em suor, debaixo de asperrimo trabalho, quer de verão quer de inverno.

A pobreza em certos terrenos provém tanto da infertilidade da terra, como da impassividade, inercia, indiferença e ignorancia do homem, na escolha de cultura apropriada a unica aptidão d'esses terrenos perante o problema da transformação da terra do estado de improducção apparente para o da productividade real e util.

São diferentes em nosso modo de ver, as causas determinantes d'este estado, que o correr dos tempos vae aggravando successivamente com grave prejuizo da riqueza publica, e que é mister fazer cessar pela intervenção dos recursos que a sciencia agronomica fornece a quem d'elles se quer aproveitar.

Entre elles assignalamos:

1.ª – A ignorancia ou falta de instrucção das mais rudimentares noções da agricultura pratica.

O estado actual é ainda o da rotina, legado de muitas gerações, que não tiveram outra preocupação, senão o de transmittir as suas praticas dos primitivos processos do cultivo da terra.

2.ª – A falta de iniciativa particular.

É quasi uma consequencia da primeira causa, pois que tanto o pequeno como o mediano lavrador, e até o grande, educados no regimen dos antigos e tradicionaes principios, não ousam quebrar a cadeia de preconceitos e uzanças velhas, que lhes entibia o animo para commettimentos de que desconfiam, ou antes, em que não confiavam.

Porque os seus antepassados, d'este ou d'aquelle modo fizeram, é para elles o argumento de tal valor, como se fosse uma muralha inatacavel na esteril imprevidencia das sua visões. Alguns mesmo dispondo de bons capitaes, preferem amontoal-os no fundo da arca, a arriscarem-nos aos acasos do arado, do alvião e do tempo.

É por lhes faltar no cerebro a luz da instrucção, que a ignorancia entorpece e neutraliza o incitamento ao ensaio de outras praticas, e o estimulo para despertar energias latentes, d'onde adviriam outros conhecimentos, e por consequencia outros resultados, que saberiam aproveitar segundo o seu esforço actividade e intelligencia até então inerte e improductiva.

3ª – Falta de instituições de credito agricola locais:

É sabido, que um dos males, que affecta a agricultura portugueza em geral, é a falta de instituições de credito agricola.

É certo que n'alguns districtos do reino existem varias sociedades – syndicatos, associações – cujo fim é auxiliar, sob pontos de vista restrictos, a agricultura nacional.

Mas taes institutos estão muito longe de representar a funcção economica do credito agricola, a que muitas vezes o agricultor tem de recorrer na falta de capitaes proprios para a sua laboração agraria.

N'este sentido e no decorrer do seculo XX, pode affirmar-se, que a situação do lavrador é sensivelmente inferior á dos detentores das terras do seculo XVI, em que *o estado adiantava os auxilios da sciencia e os capitaes indispensaveis, indemnisando-se por fintas deduzidas do rendimento das propriedades do valor das antecipações.* (1)

Se na actualidade é incontestavel a interferencia do estado no que respeita aos auxilios da sciencia ministrada nas escolas de agricultura theorica e pratica, tambem não é duvidoso, que, relativamente ao capital o agricultor não encontra nos cofres do estado, como outr'ora, e sim n'outras origens muitas vezes de difficil accesso, e, o que é peor, em condições bastante onerosas para a economia rural. E tanto assim é, que o agricultor batido e exaustos por crises dos campos tão frequentes entre nós, ou morre estrangulado nas garras da uzura infrene, ou vê liquidar em almoeda o seu bocado de terra, patrimonio herdado ou por si adquirido, para pagar ao estado os encargos da tributação que a tempo não pode solver.

No Algarve nenhuma instituição agricola existe hoje, e é por isso que a pequena agricultura principalmente, quando experimentada por uma serie de más colheitas, ou morre ás mãos da uzura, ou se entrega aos exactores da fazenda.

Antigamente havia umas confrarias e varias instituições, que emprestavam dinheiro ao agricultor levando-lhe um juro fabuloso entre 8,30 e 55 p. c.; pago a dinheiro ou trigo.

Algumas d'estas confrarias cediam o capital ao juro de 5 p. c. ficando o lavrador obrigado a satisfazer o emprestimo em productos da sua exploração, logo depois de os colher, mas por preço inferior ao dos mercados, isto é, pagava novo juro ao saldar o seu debito, que certamente não seria inferior ao primeiro.

As primeiras instituições de credito de que ha conhecimento no Algarve eram os celleiros, que emprestavam a semente aos lavradores pobres, e cujos fundos, ou

(1) *Memoria sobre a População e a Agricultura por L. Rebello da Silva, pag. 248 e seguintes.*

eram provenientes de doação de foros e de esmolas, ou eram creados por grupos de lavradores, contribuindo cada um com uns tantos moios de qualquer cereal.

No Algarve foi em *Algoz*, que se creou o primeiro *celleiro* em 1702 – *Escriptura de doação parochial* – com um fundo de 12 moios de trigo, doação feita por um parochiano. Emprestava-se a semente a 5 p. c.

Em Boliqueime, no anno de 1731 com o nome de *Provisão da Auctoridade Ecclesiastica Parochial*.

O fundo inicial era constituido por esmolas.

Em S. Bartholomeu de Messines – por testamento particular – em 1763. O juro tambem era de 5 p. c.

Vieram depois os *Bancos Ruraes*, creando-se em Portugal o primeiro em 1860 – *Banco Rural de Serpa*.

O *Banco Agricola Industrial Fareense*, em 1875, com o capital inicial de 30:000\$000 de réis, pagando-se o juro de 10 p. c. Os seus estatutos eram cópia fiel d'outros bancos, como o de Vianna – *Banco Agricola Industrial Viannense*. Não foi muito prospera a sua carreira.

Até hoje não sabemos de mais alguma tentativa sequer, para o estabelecimento de instituições de credito agricola em todo o districto de Faro.

4.^a – Falta de viação.

Esta região, abrangendo uma area de 79:000 hectares proximamente, é apenas servida por tres estradas, uma de ha muito construida, a 17, real, e duas districtaes em construcção, a 194, que emerge do Barranco-do-Velho e se dirige a Cachopo devendo terminar em Tavira, e a 193, que, partindo de Alcoutim, se dirige ao Ameixial, entroncando com a 17.

Actualmente procede-se á construcção de um ramal de ligação das estradas 194 e 193 entre Cachopo e Martimlongo.

Por toda esta area se distribuem a beneficio da viação uns 50 kilometros aproximadamente, no periodo de 15 annos, ou sejam 3,3 kilometros por anno.

Apesar do restricto numero de kilometros de estrada construidos em tão grande superficie, é evidente já a influencia d'este poderoso meio de transformação nas regiões, que atravessa pela economia, segurança e rapidez dos transportes, contrastando com as difficuldades, despezas, perigos e outros accidentes, que antigamente acompanhavam a viação feita atravez das montanhas por caminhos asperos, de difficil accesso e muitas vezes arriscados.

O cultivo e aproveitamento das terras, a construcção de novos casaes ao longo d'estas estradas bem demonstram os beneficios inherentes a este importante melhoramento, um dos que mais contribue para revolucionar e valorizar a terra. É que uma estrada constitue por si, um dos mais valiosos agentes do fomento agricola. Por ella circula a alfaia, a semente, o adubo, e o homem levando comsigo a instrucção, ordenando e dirigindo tudo para colher da sua actividade, trabalho e capital, o melhor fructo e os mais ricos productos do meio que explora.

O que já se observa como resultado incontestavel dos breves trechos de viação, assomando nas cumiadas da serra, obriga, a quem pensar seriamente no desenvolvimento agricola, a não parar na serie de esforços, para que tal melhoramento se multiplique, de par com as necessidades d'esta região, onde tão sensivel é a falta de estradas, o que já se não observa no littoral, onde os meios de communicacão se cruzam por quasi todas as povoações.

Em Portugal o problema do aproveitamento dos terrenos desde muito tem fe-
rido a atenção de notáveis estadistas e de sábios illustres, de abalizados economis-
tas, consagrando-lhe o melhor da sua inteligência, tempo e trabalho. Mas forçoso é
confessar, que a despeito de tenazes esforços morosa tem sido a marcha, na já lon-
ga caminhada de tantos obreiros, que os resultados, até ao presente obtidos muito
longe estão de corresponder, não diremos ao ideal, mas á possível realidade na so-
lução dos problemas postos, interessando profundamente a economia rural e rique-
za pública.

Nas sociedades e outras instituições de natureza agricola se tem evidentemen-
te reflectido o movimento, a corrente emanada de diferentes origens no sentido de
propulsionar a agricultura portugueza. Mas, porque a sciencia se não tenha diffundi-
do pela massa de população rural; porque as iniciativas se não tenham congregado
harmonicamente; porque o impulso dos governos não tenha attingido a precisa ener-
gia; finalmente, porque á germanização das boas ideias tenha faltado o calor do ca-
pital, que as faça desenvolver, é infelizmente certo, que Portugal, paiz naturalmente
agricola, atravessa ainda um pequeno periodo de vida passiva, de vez em quando ex-
citada por um ou outro estímulo de ephemera duração, e pela qual se não póde abrir
caminho seguro para se desenvolver o fomento, a riqueza nacional compativel com
os recursos naturaes do solo.

Portugal tem uma superficie de 8.895:427 hectares, dos quaes 3.592:566 in-
cultos. Segundo calcula o illustrado economista Anselmo d'Andrade foi appropriada á
cultura de 1868 a 1901 a area de 450:000 hectares, o que representa a transforma-
ção de 13.636 hectares por anno de terra cultivada.

Este numero põe bem em evidencia a nossa affirmação, quando dizemos, que
morosa tem sido a evolução do nosso progresso agricola n'este periodo de 33 annos
decorridos, e bem discordante da doutrina estabelecida no relatorio que precede o de-
creto de 21 de Setembro de 1867, de iniciativa do eminente estadista João d'Andra-
de Côrvo sobre a *Arborisação Geral do Paiz*, do qual nos permittimos transcrever as
seguintes palavras:

"Basta conhecer algumas das terras escalvadas do nosso paiz, ou ter observa-
do como as correntes se precipitam impetuosas d'essas serras pelos valles, arrastan-
do massas de areia que cobrem e esterelisam os campos: basta ser percorrido uma
parte do littoral, onde as areias tendem mais ou menos a invadir as terras agriculta-
veis, para não hesitar em reconhecer a *urgente* necessidade de fixar os principios, que
convém seguir na Arborisação do paiz"

O alludido decreto, de facto, nos seus tres artigos consigna esses principios.

Que a sua execução não acompanhou a urgencia da fixação de tão salutaes
indicações, ainda o affirma o reduzido numero de hectares postos em cultura, desde
então até hoje.

III

A vida da população da serra é puramente rural. O *serrenho* possui um bom carácter, é um pouco indolente, sadio e robusto, suportando bem a violência do trabalho sob os exaggeros do clima.

A sua alimentação é muito frugal e quasi se póde dizer, que se reduz ao consumo dos productos da sua propria exploração agricola.

Excepcionalmente a caça, (coelhos, lebres e perdizes), e o peixe apparecem á meza dos lavradores principalmente em dias solemnes.

É naturalmente conservador, vivendo sem outras ambições que não sejam a sua tranquillidade presente, assegurar a futura, e o mediocre proveito que tira do meio em que nasceu. Dotado de espirito religioso facilmente se resigna com os revezes e contrariedades da vida dos campos, tão sujeita ás contingencias do tempo e aos acasos da sorte, confiando mais na Providencia divina, do que no esforço e perseverança do homem.

Os habitantes da serra conservam, pois, esses costumes originaes, fieis aos ensinamentos e principios que receberam dos seus antepassados, definindo bem o atrazado, em que se encontram. As proprias industrias que se relacionam com a vida agricola, essas mesmas se resentem da inferioridade dos processos habitualmente seguidos de longa data; assim as industrias de lacticinios, de fabrico do azeite, do mel e da cera, dos tecidos e das conservas de fructas, actualmente praticam-se sem a mais leve applicação dos processos modernos, que para a totalidade dos habitantes são ainda segredos inteiramente desconhecidos. E não se tome como indifferente este facto á vida economica da população dado o numero dos seus habitantes.

Na area que constitue o objecto do nosso estudo e que comprehende uma superficie cerca de 79:000 hectares, existe uma população de 22:000, proxivamente, ou sejam 3,59 hectares por habitante.

O quadro da pag. seguinte mostra a população por freguezias d'esta região e o numero de hectares por habitante.

Comparando esta região com a parte restante do districto de Faro, comprehendendo 406:835 hectares e uma população de 232:552 habitantes, ou seja 1,75 hectares por habitante, vê-se que esta é duas vezes mais densa que aquella.

Mas, se compararmos a area das serras susceptiveis de culturas arvenses e hortícolas, vemos que a relação para cada habitante na parte restante do districto de

Concelhos	Freguezias	População	Área em hectares	Numero de hectares por cada habitante
Alcoutim	Alcoutim	2.702	38.580	4,68
	Giões	948		
	Pereiro	917		
	Martimlongo	2.159		
	Vaqueiros	1.445		
Castro Marim	Azinhãl	1.670	1.311	0,78
	Odeleite	2.510	4.472	1,78
Loulé	Ameixial	1.592	6.900	4,39
Tavira	Cachopo	2.843	15.896	5,59
	S. Catharina	3.176	4.580	1,44
	S. Maria	2.336	6.336	2,71
		22.298		(1)

(1) Em média 3,05

Faro é de 0,97 – e na serra é muito menor, porque apenas se aproveitam algumas baixas e trechos dispersos pelas margens de ribeiras e barrancos. E por isso poderemos dizer com relação a estes terrenos, que a densidade da população é grande, a que deverá corresponder a pequena cultura e a propriedade bastante dividida, como é justamente o que succede nas terras de cultura permanente.

É frequente uma propriedade pertencer a uns poucos de donos, cabendo a cada um d'elles um talhão tendo por exemplo 4m de largo por 10m a 12m de comprimento.

O valor d'estas terras é variavel conforme estão juntas ou distantes do povoado; e sendo, em absoluto, bastante alto o seu preço sobe de ponto a sua valorisação nas da primeira hypothese, dando-se em geral o facto da renda não estar em relação com o capital da terra. D'esta desproporção derivam dois factos economicos, que é mister assignalar: o primeiro a grande procura de terras d'onde a sua grande valorisação; o segundo a tendencia para a divisão da propriedade em virtude da desproporção da terra cultivada para a população.

N'esta parte da serra de que vamos tratando – 79.000 hectares – existem mais de 55.000 incultos ou seja 69,62 p. c. No districto de Faro ha 42,23 p. c; numero este que lentamente se vae reduzindo sobretudo no littoral á custa de capital e muito trabalho.

A area arborizada d'esta região representada pelo sobreiro, azinheira, pinheiro, alfarrobeira, etc; encontra-se repartida por freguezias como se vê no quadro da pág. seguinte, segundo a estatistica ultimamente elaborada pela carta agricola:

N'elle se vê, que a freguezia mais arborizada é a de Cachopo com 923 hectares, depois a do Ameixial, Odeleite, Azinhãl, St.ª Catharina e St.ª Maria de Tavira. A area occupada pela Alfarrobeira, e arvores de fructo, pertence ao littoral, com o qual

Freguezias	Azinho	Sobro	Pinhal	Alfar- robrelra e arvores de fructo	Char- neca	Total
Cachopo	653	230	40	—	15:011	15:934
S.Catharina	304	9	—	665	4:581	5:559*
S.Maria	191	—	—	219	6:336	6:746*
Ameixial	87	935	3	1:632	5:368	8:025*
Azinhal	545	—	4	—	762	1:311
Odeleite	583	—	—	—	3:889	4:472
Alcoutim	}				20:000	38:580
Pereiro						
Giões						
Martinlongo						
Vaqueiros						
	2:363.	1:174	47	2:516	55:947	80:627

* D'estas freguezias tomamos a parte que esti comprehendida nos limites que marcamos, que vae indicado no quadro anterior; podemos pois calcular em 79:000 hectares a região que nos propuzemos estudar.

confinam.

Das freguezias do concelho de Alcoutim não podemos obter elementos identicos porque ainda não existem.

Na serra do Algarve a cultura de cereaes, podemos affirmar, é pouco remuneradora para o lavrador; nem sequer a maior parte das vezes chega a prefazer o juro do *capital-trabalho*, sobretudo com os processos que usam actualmente.

Uma terra bastante pobre, sem estrumação proporcionada, sem as lavouras convenientes, sem a restituição dos principios nobres, pelos adubos, ou por uma cultura, que compense em parte, reparando essas perdas de elementos, que as sementeiras exgotaram, é impossivel darem rendimento apreciavel.

As estrumações são sempre insufficientes e imperfeitas, não só pela quantidade que espalham por hectare, como pela má preparação dos estrumes, que se vão amontoando em qualquer ponto ao ar livre, sem nenhum outro cuidado. No intervalo da primeira lavoura para a segunda, a de sementeira, é o estrume levado para as terras, regulando 15 pequenas cargas ao preço de 100 réis se é de cavallariça, e de 160 réis se é de curral, por geira de terra.

Nas terras baixas uma geira leva de semente 1 alqueire de trigo, produzindo em média 7 sementes.

Em alguns sitios já fazem rotação de culturas n'estas terras, semeando-se no 1.º anno de trigo, no 2.º de cevada ou aveia, no 3.º fava ou tremçoço, voltando novamente ao trigo.

Nas encostas, segundo a natureza e qualidade das terras, assim se aproveitam para a sementeira de centeio, cevada, aveia e trigo, sendo este cereal o preferido pa-

ra as terras dos correços, naturalmente mais fundas e aptas para esta semente. A produção d'estas terras é em média de quatro sementes, levando por geira 10 a 15 litros de semente.

As dimensões de uma geira de terra variam extraordinariamente em virtude de diferentes factores, taes são, a natureza do solo, o seu relevo, o agente de tracção, etc. Nas terras planas o hectare comprehende 5 a 6 geiras e nas encostas 7 proxima-mente.

É occasião de referir, que os ensaios da cultura cerealifera, ha poucos annos feita no districto de Beja, com o emprego de adubos chimicos — superphosphatos — já despertaram a attenção do agricultor da serra, pois que em algumas freguezias como Martimlongo, Odeleite, Azinhal e Cachopo se tem repetido esses ensaios com reconhecida vantagem. E assim é que sendo a média da produção cerealifera de 3 a 4 sementes nas achadas com os adubos tem dado entre 8 a 10 sementes.

Sem descermos a minudencias de calculo, que, a hypothese da comparação do rendimento pela cultura cerealifera e pela arborisação de essencias florestaes appropriadas, pouco interessa, vamos expôr a importancia das respectivas explorações, apreciando cada uma d'ellas conforme os elementos obtidos no seu estudo.

Para cullivar um hectare de cereaes em terrenos de encosta, o capital-dinheiro que se dispende é proxima-mente de 21\$000 réis. Calculando a produção em media, de quatro sementes, ou sejam 28 alqueires, temos um rendimento de 16\$800, sendo a semente de centeio ao preço de 600 réis cada alqueire, que, como se vê, está longe de corresponder ao capital empregado.

Suppondo este hectare de pousio durante 10 annos, temos de rendimento por anno 1\$680.

O lavrador, porque não dispende o capital-dinheiro, mas o seu equivalente, não toma em linha de conta os diferentes elementos que devem constituir a base para o calculo economico d'uma exploração. Assim o lavrador não considera os valores representados pelo trabalho, pelos gados, pelos materiaes fertilisantes, etc; porque não dispende dinheiro.

Apesar dos bons resultados colhidos com a applicação dos superphosphatos raro é o proprietario que os emprega, porque tem de os comprar, quando afinal são mais baratos que os estrumes; assim uma carga de estrume ao preço de 120, levando cada geira 15 cargas, ou sejam 105 cargas por hectare, custam 12\$600, ao passo que tendo os superphosphatos, o preço de 2\$400 cada 90 kilogramas, sahe a 8\$600 empregando por hectare 315 kilos.

Fazendo o calculo para uma terra, que seja cultivada durante 3 annos successivos, ficando 5 em repouso, teremos em capital empregado a quantia de $21\$000 \times 3 + 2(1) \times 12\600 (estrumes) = 88\$200.

A produção sendo tambem de 4 sementes corresponde:

No 1.º anno — 28 alqueires de trigo — ao preço de 700 réis cada.....	19\$600
No 2.º anno — 28 alqueires de centeio a 600 réis	16\$800
No 3.º anno — 28 alqueires de cevada a 400 réis	11\$200
	47\$600

(1) No primeiro anno estas terras são adubadas com as cinzas do matto.

São estes os resultados que se observam na exploração das encostas, variando é claro, com o decorrer do anno, dando-se bastantes vezes o caso da produção não chegar a 2/3 da semente, quando se não perde quasi tudo, não prefazendo nunca o capital dispendido.

Passando ao estudo do regimen de cultura florestal da serra mattosa e aproveitando os calculos bem elaborados, precisos e claros do illustrado lavrador de Chamusca, sr. dr. Mascarenhas Pedroso, publicado no Boletim da Real Associação Central d'Agricultura Portugueza vê-se, que tomando por base a cultura de um hectare de pinhal, ao fim de 15 annos obtem-se 1:600 pinheiros, em condições de venda para diversas applicações. Reputando cada pinheiro no valor de 240 réis, teremos um total de 384\$000 réis. Deduzindo d'esta quantia todos os valores empregados n'esta exploração, como:

Renda de um hectare por 15 annos a 5\$000 réis por anno.....	75\$000
Preparo de terreno, semente e sementeira	20\$000
Serviço de juros e amortisações d'este capital de 20\$000 réis nos 15 annos	24\$000
Juros accumulados das rendas não recebidas.....	16\$000
	135\$000

resulta pois um saldo a favor de 249\$000, que divididos por 15 annos, dá um rendimento annual de 16\$600 réis.

Consideremos agora os elementos de nós conhecidos de uma tentativa de cultura florestal feita na freguezia de Cachopo n'uma extensão approximadamente de 20 hectares:

Custo da semente, 20 kilos por hectares a 90 réis cada kilo	1\$800
Preparação de terreno	7\$000
Vedação — muro de pedra solta.....	7\$000
Compra de um hectare de terreno	5\$000
Juros de 5 p. c. ao anno accumulado durante 15 annos d'este capital de 5\$000 (numeros redondos).....	10\$000
Juros de 5 p. c. ao anno accumulado durante 15 annos do capital 15\$800 (1)	31\$600
	62\$400

Suppomos que no fim de 15 annos temos 1:000 pinheiros por hectare ao preço de 240 cada pinheiro — preço este baixo, porque teem-se vendido n'esta região a 300 e 320 — ou sejam 240\$000; deduzindo d'esta quantia o capital de 62\$400 teremos um saldo de 177\$600, isto é, 11\$840 réis por anno. Se este hectare produzir 1:600 pinheiros como calcula o sr. dr. Mascarenhas Pedroso teriamos um rendimento liquido de 21\$500 por anno, ou 322\$600 em 15 annos.

Pela exposição de calculos se vê, que representam uns números elevados a

(1) Custo da semente, preparação do terreno e vedação.

despeza, e com numeros baixos o lucro.

Comparando os resultados economicos d'estes dois processos de exploração da terra, fica evidentemente demonstrado, que a cultura cerealifera n'esta serra é consideravelmente inferior á cultura florestal, pois que a primeira não cobre o capital empregado e a segunda dá um rendimento liquido de 12,5 p. c. sobre o capital de 135\$000, e de 18,9 p. c. sobre o capital de 62\$400.

Significam estes numeros, que necessario é modificar estas extensas charnecas em florestas, que poderosamente hão de contribuir para o bem publico economico e social. Alguns alvitres teem apparecido tendentes a promover o aproveitamento pela cultura florestal das nossas serras, quer pertençam ao Estado ou a corporações administrativas, quer a particulares.

O distincto sylvicultor Mendes de Almeida no seu excellente e util trabalho Valorisação dos terrenos Incultos, tomando como ponto de partida, que "40 por cento do solo portuguez não tem rendimento collectavel sobre que incida o imposto", o que além de concorrer para um grande disequilibrio entre a importação para consumo e exportação nacional, constitue um grande deficit, entende que seria uma medida de proficuo resultado a incidencia de um novo imposto — que chama territorial — sobre a superficie inculta do nosso paiz.

Em materia de impostos é sempre difficil o lançamento de um novo, qualquer que seja a sua especie, e sobre tudo quando elle foge da base geralmente seguida na tributação.

É assim que sendo a terra collectada pelo seu rendimento vinha a succeder, que pela ausencia d'este, o contribuinte era igualmente obrigado á satisfação dos mesmos encargos. Este imposto seria economicamente illogico, visto que na sua applicação tanto se reflectia na terra que rendia, como na que nada produzia. O mesmo imposto lançado sobre a terra inculta por outro lado atacaria a liberdade, ou seja o direito facultado pelas leis a cada um de regular a administração do seu capital; e capital é terra. Por tal principio haveria igual diteito a mobilisar o capital do argentario, que o tivesse immobilizado, sem render um ceutil, que muito renderia e contribuiria para a riqueza publica se esse capital estivesse sob o regimen de imposto territorial.

Admittindo que seria de relativa injustiça tributar um proprietario cultivador do seu hectare de terreno e isentar do mesmo tributo outro proprietario, que deixa em pousio superficie de terra correspondente, injusto seria igualmente obrigar o proprietario, que não póde explorar a sua terra por falta de capitaes, ao imposto territorial.

Parece-nos, pois, que este meio theoreticamente acceitavel e sob o aspecto economico um tanto ou quanto seductor, é praticamente cheio de difficuldades e de resultados contestaveis.

Poderemos suppôr muitas especies de meios directos ou indirectos para resolver o grande problema dos incultos, mas poucos poderão competir com a propagan-da pela instrucção e com a facil acquisição de capital por meio do credito agricola.